



O Caso das Peruas dos Ovos de Ouro

A impressionante história de um jovem inglês que, com 50 xelins, fêz a maior fazenda de criação de perus do mundo

Em 1950, Bernard Matthews, de Norfolk, na Inglaterra, não entendia nada de perus; pobre, só provara peru uma vez. Hoje, aos 35 anos, é o maior criador de perus do mundo e deve ter vendido no ano passado 1 100 000 aves, com uma renda bruta de mais de dois milhões de libras.

A carreira de Matthews como criador de perus começou num impulso momentâneo. Matthews era praticante numa firma de leiloeiros agrícolas de Norwisch, ganhando 32 xelins e meio por semana, e ainda procurava juntar dinheiro para casar-se com Joyce Reid, filha de um funcionário público. Um dia foram postos à venda 20 ovos de peru. A

um xelim cada, eram baratos, mas não havia comprador para êles. Foi quando o jovem Bernard fêz o seu lance e os comprou. Por que o fêz, não sabe explicar. O leiloeiro, sabendo que o rapaz morava na cidade, achou que êle estava ficando louco. Bernard comprou então uma chocadeira velha por 30 xelins. O investimento total foi de 50 xelins.

Naquela tarde tomou um ônibus, com os ovos e a chocadeira, e fêz a viagem de nove quilômetros até Taverham, onde morava Joyce. Ela ficou entusiasmada. Para ficar perto de suas aves, Bernard deixou o quarto da cidade e mudou-se para um aposento vazio na casa dos Reid.

Ôvo é uma coisa que não tem

nada de romântico ou de atraente, mas o casal observava aquêles ovos como se fôsem crianças recém-nascidas. Com o tempo, emergiram dêles 12 peruzinhos. Quatro semanas depois, Bernard estava sem dinheiro e não podia mais comprar rações. Por isso, vendeu os peruzinhos. Lucro: 94 xelins—quase 200% sôbre o primitivo investimento. Nada mau, pensou o empregado, que ganhava 32 xelins e meio.

No ano seguinte Bernard comprou mais ovos, entrando em acôrdo para pagá-los depois de chocados. Os peruzinhos cresceram e as fêmeas chegaram à época da postura. Na primavera seguinte Bernard tinha 1 000 ovos e comprou mais três chocadeiras.

Nunca houve duas pessoas que trabalhassem mais. Joyce levantava-se às seis horas da manhã, virava os ovos e lavava o barracão, enquanto Bernard construía cercados. Naquela primavera êles venderam 600 peruzinhos de um dia por 10 xelins cada um, ou sejam, 300 libras. O primitivo investimento de 50 xelins fôra multiplicado 120 vêzes. Já não se tratava de aritmética, era astronomia!

Joyce abandonou o emprêgo que tinha num escritório para dedicar todo seu tempo às aves. Bernard comprou um livro sôbre criação de perus e construiu um segundo barracão. Depois colocou 10 000 ovos nas chocadeiras. A tarefa de virá-los todos os dias era cansativa, mas Joyce a executava com amor. Quando foi

chegando a época de os peruzinhos saírem da casca, Bernard anunciou pelo jornal aves de um dia e vendeu-as tôdas. Naquele verão o dinheiro no banco chegou a 2 500 libras.

Mas o progresso da criação de perus como o do verdadeiro amor, raramente se processa sem obstáculos. Num sábadô, em princípios de 1953—vários meses depois de ter casado com Joyce—Bernard anunciou que deixara o seu emprêgo fixo. Como se fôsse para fazê-lo refletir melhor sôbre essa afoita decisão, naquela mesma noite caiu um temporal. E o temporal derrubou todos os cercados e virou as criadeiras. Onde houvera centenas de perus não se via mais nenhum; só escaparam as chocadeiras nos barracões. De botas e capa de oleado, Bernard foi catando aqui e ali, até que recuperou cêrca de 200 aves.

No outono perdeu metade da criação por doença, e aprendeu à custa de grandes prejuízos que as aves prêsas em espaço apertado adoecem e morrem. Alugou temporariamente um campo de 3 1/2 hectares, e começou a procurar “um galinheiro barato”.

Encontrou-o em Great Witchingham Hall, uma mansão elisabetana de 80 quartos, no centro de 14 1/2 hectares de parque. O dono queria 7 000 libras, mas aceitou a oferta de Matthews de 3 000 libras—“todo o dinheiro que eu possuía ou podia pedir emprestado”—e o jovem casal mudou-se para lá. Soltos nos jardins

descuidados, os perus, que estavam em fase de crescimento, logo deram conta das ervas daninhas. A sala de banquetes recebeu 10 000 ovos em chocadeiras, os quartos foram aproveitados como criadeiras para 7 000 peruzinhos. Bernard e Joyce trabalhavam furiosamente.

Em princípios de 1956 os perus iam bem, as encomendas eram muitas. Great Witchingham Hall ressoava com o pipilar de peruzinhos novos. Então, numa terça-feira de fevereiro, começou a cair neve e granizo. As estradas ficaram intransitáveis, e, com a queda da temperatura, os cabos de energia elétrica cederam sob o peso do gelo. Para Matthews, com 50 000 ovos em chocadeiras e 10 000 peruzinhos em criadeiras, era um completo desastre.

—Acabou-se—murmurou.—Estou perdido!

Mas estaria mesmo? Andou para baixo e para cima, mordendo as unhas, procurando uma idéia que o salvasse da ruína. Acabou por encontrá-la. A casa não deixava de ter aquecimento central à sua moda. Entupiu a velha caldeira de coque até conseguir uma grande fogueira, e com anteparos de papelão amontou os peruzinhos de um dia em volta dos radiadores. Joyce conseguiu com muita dificuldade chegar à aldeia, onde comprou todos os fogareiros de querosene que encontrou—sete. Instalou-os nos quartos para os perus de duas a quatro semanas que estavam nas criadeiras. Com toda sua energia, Bernard passou a esguichar

água quente no chão das chocadeiras, envolvendo os ovos em vapor. Pouco a pouco o termômetro foi subindo. Quando passou de 37°, que era a temperatura conveniente, êle abriu as portas das chocadeiras.

Durante dois dias e duas noites o casal persistiu nessa operação. Logo que as estradas ficaram desimpedidas, Matthews mandou os ovos em caminhão para um amigo que tinha chocadeiras vazias. Três dias depois, os ovos voltaram, e dêles saíram aves perfeitas.

Dentro de seis meses começou a entrar dinheiro, que deu de sobra para pagar tôdas as dívidas de Matthews. Foi a última crise séria que o casal enfrentou. Hoje Matthews é o maior criador de perus do mundo, e possui cinco granjas—quatro em Norfolk e uma na Irlanda. Além disso, 35 granjeiros associados trabalham sob contrato. Great Witchingham Hall está agora magnificamente mobiliada e decorada, e é ao mesmo tempo residência e escritório. A ala do escritório tem máquinas de contabilidade, telex, cantina, departamento de pesquisas. Um frigorífico anexo processa dois quilômetros de perus por dia. As incubadoras têm capacidade para produzir 50 000 aves por semana; o frigorífico tem capacidade para acomodar 200 000.

Quando perguntei a Matthews qual a explicação de seu sucesso, êle respondeu:

—Para começar, tenho mais prazer em lidar com estas aves do que com qualquer outra coisa na vida.

Em segundo lugar, eu não entendia nada de criação de perus, de modo que comecei sem idéias preconcebidas.

Um dos aspectos fascinantes da aventura de Bernard Matthews é o que êle tem feito para produzir aves melhores. Ninguém imaginava que um peru morto antes de 24 semanas fôsse aceitável, quer pela carne, quer pela aparência. Mas selecionando cuidadosamente os reprodutores e convencendo os fabricantes de rações a juntarem 5% de gordura às rações, êle criou aves gostosas e bonitas, vendáveis com 15 semanas de idade. E têm ainda a vantagem de ser mais baratos de criar.

Da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de outros países, Matthews reuniu cêrca de 27 variedades de perus—coisa de que talvez nenhum outro criador do mundo possa gabar-se. Nas mãos dos seus dois geneticistas, essas variedades combinadas podem criar outras variedades em número infinito. Já conseguiram produzir um peru-miniatura, de dois a três quilos de pêso, tão carnudo e macio como os maiores, e um peru

gigante de 22 quilos, destinado à indústria hoteleira.

Passados 15 anos, Bernard Matthews parece mais entusiasmado do que nunca. Defende êle a idéia de que o peru é a mais econômica das criações do campo, inclusive a galinha, pois, comendo determinada quantidade de ração, engorda mais depressa do que qualquer outra ave, tem mais carne magra, mais vitaminas, menos gordura. E acrescenta:

—Não há motivo para que o peru não se possa tornar artigo de consumo diário. Um dia, que não está muito longe, a carne de peru será mais barata do que a de galinha.

Matthews vende reprodutores e ovos para 15 países da Europa, África e Ásia, e está agora em negociações com cinco dêles para formar sociedades legalizadas—ficando êle encarregado de fornecer as aves e ensinar-lhes a técnica, e cabendo aos outros fornecer as instalações, a mão-de-obra e o capital. Com essas sociedades, tem esperança de vender mais de quatro milhões de perus por ano—partindo tudo de um investimento de 50 xelins.



Com Jeito Vai

ESTÁVAMOS assistindo ao final, no 18.º buraco, de um torneio de gôlfe transmitido pela televisão. Arnold Palmer ia tomar posição, e a voz do locutor da televisão se transformou num sussurro ao descrever a dramática situação. Pedi ao meu amigo, golfista apaixonado, que aumentasse o volume.

—Não posso—murmurou êle—só quando êle acabar de jogar.

—L. K. H.